

MINORITY REPORT / 2002

(Relatório Minoritário)

Um filme de Steven Spielberg

Realização: Steven Spielberg / **Argumento:** Scott Frank e Jon Cohen, segundo um conto de Philip K. Dick / **Fotografia:** Janusz Kaminski / **Direcção Artística:** Alex McDowell / **Música:** John Williams / **Montagem:** Michael Kahn / **Intérpretes:** Tom Cruise (John Anderton), Colin Farrell (Danny Witwer), Samantha Morton (Agatha), Max von Sydow (Lamar Burgess), Lois Smith (Dra. Íris Hineman), Peter Stormare (Dr. Solomon Eddie), Tim Blake Nelson (Gideon), Steve Harris (Jad), Neal McDonough (agente Gordon Fletcher), Patrick Kilpatrick (agente Jeff Knott), Jessica Capshaw (Evanna), Richard Coca (polícia "pré-crime"), Keith Campbell (polícia "pré-crime").

Produção: Cruise/Wagner Productions, Blue Tulip Productions, Ronald Shusett/Gary Goldman Productions, Dreamworks Pictures, para 20th Century Fox / **Cópia:** CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA, em 35mm, colorida, versão original legendada em português / **Duração:** 144 minutos / **Estreia Mundial:** Setembro de 2002 / **Estreia em Portugal:** 4 de Outubro de 2002.

sessão seguida de debate com Paulo de Sá e Cunha

Philip K. Dick tornou-se o autor de ficção científica mais adaptado ao cinema. E em pouco tempo, pois tudo começou em 1982 com **Blade Runner** que Ridley Scott dirigiu a partir do conto *Do Androids Dream of Electric Sheep*. Oito anos depois foi a vez de de Paul Verhoeven filmar outro conto, *We Can Remember It For You Wholesale*, em **Total Recall**. Contudo, foi mais recentemente que a "febre" Philip K. Dick "atacou" a comunidade cinematográfica americana. Em meia dúzia de anos tiveram lugar a estreia do "director's cut" de **Blade Runner**, uma série de televisão inspirada em **Total Recall** e a adaptação de três contos, **Screamers/Gritos Mortais** (segundo "Second Variety") de Christian Dugay, **The Impostor/Impostor** (a partir da história homónima já anteriormente adaptada à televisão) de Gary Fleder e **Minority Report**. Philip K. Dick, porém, falecido em 1982, já não testemunhou o interesse de Hollywood pelas suas histórias. A razão pelo tardio reconhecimento do escritor, e aproveitamento da sua obra, estará antes de mais no tipo de cinema de ficção científica que até então se fazia e que, com raras excepções, explorava quase unicamente a faceta "aventureira" e "exótica", com pouco a ver com a dimensão psicológica e filosófica dos textos de Dick.

As três adaptações que referi acima, **Screamers**, **The Impostor** e **Minority Report**, são feitas a partir de textos da primeira fase da obra do escritor, publicados em meados da década de 50 nas revistas "Fantastic Universe" e "Amazing Stories". Franck Priot, em texto publicado na revista "Synopsis" dá conta do processo de adaptação de *Minority Report*. Os direitos do conto foram comprados em 1992 pelo argumentista Gary Goldman para uma possível "sequela" de **Total Recall**, que acabou por não se realizar porque Paul Verhoeven

escolheu dirigir **Showgirls** (como se sabe, um dos maiores *flops* da indústria de cinema americana daqueles anos, que "afundou" praticamente a carreira de Elizabeth Berkley) e logo a seguir, a falência da Carolco. Antes de chegar a Steven Spielberg 10 anos depois, o argumento sofreu mudanças de vulto. Em 1999, John Cohen, o novo argumentista tem pronto o trabalho, passando a Fox a procurar quem o dirigisse e interpretasse. O agente de Tom Cruise deu-lho a ler quando o actor interpretava **Eyes Wide Shut** para Kubrick, que viu nele o projecto possível para a colaboração com Spielberg que ambos procuravam. A entrada de dois dos nomes mais poderosos da indústria deu novo fôlego ao projecto e impôs novas transformações no argumento feitas por novo argumentista, Scott Franck (na versão mais recente o "vilão" era a personagem de Witwer/Colin Farrell).

Minority Report é uma obra que, tal como outros dos filmes de Spielberg (anterior: **Saving Private Ryan**, ou seguinte: **Catch Me If You Can**), se inscreve num percurso que é simultaneamente contínuo e alternativo em relação à obra até então produzida. Há, por um lado, a busca de outros caminhos e outros temas, que os "críticos" do realizador apontam como de "maturidade", como se os filmes anteriores fossem de um "adolescente" (mental, claro!). Uma alternativa que se manifesta de forma mais transparente no admirável **A.I.-Artificial Intelligence** e que se quis ver, principalmente, como "influência" de Kubrick, responsável pelo projecto original, esquecendo-se todo um percurso do realizador que o encaminhava, a pouco e pouco, para temas de configuração semelhante. **Minority Report** é a confirmação disso. Mas o percurso que leva a **Minority Report** é, também, de continuidade, com certas obsessões figurativas que passam de filme para filme, e que se materializam numa espécie de "horror fantástico" que, vindo da noite de Halloween de **The Extra-Terrestrial**, se prolonga até à feira de **A.I.-Artificial Intelligence** e desemboca no "submundo" de **Minority Report** (sem esquecer, nos filmes "realistas" de Spielberg, o desembarque da Normandia em **Saving Private Ryan** e algumas macabras cenas de **Schindler's List**). Tudo o resto (os "happy-ends" a que **Minority Report** não escapa, uma ênfase dramática na composição das personagens, etc) são menos "concessões" ao "gosto do público" e mais reflexo de uma herança que é a do património cinematográfico americano clássico, assimilado nos anos de formação do realizador. Também aqui ela está presente ao longo de todo o filme, tanto no "sentimentalismo" de algumas sequências (a relação de Anderton com Agatha onde se projectam os traumas da perda do agente da Pré-Crime, e no inevitável "happy-end"), como no papel que os efeitos especiais têm noutras (sendo a mais evidente a da perseguição a Anderton que culmina na "montagem" do carro com o personagem dentro), como os aplica como forma de humor (as plantas na casa da doutora Iris), na forma como gere os efeitos de choque (sendo o mais notável a perseguição que as "aranhas" metálicas fazem ao herói) e explora o confronto entre Anderton e Burgess. **Minority Report** não é apenas um prodígio de efeitos especiais, por ele passa também uma reflexão sobre os efeitos perversos da manipulação genética e, particularmente, sobre a paranóia persecutória que parecia governar os EUA.

Manuel Cintra Ferreira